



Mitre Galeria apresenta 'Prenúncio de Alento', nova exposição individual de Wallace Pato

Acesse as imagens, créditos e cortesia [aqui](#)

Texto Curatorial: Keyna Eleison

Abertura: 30 de maio de 2026, das 15h às 18h

Período expositivo: 30 de maio a 25 de julho de 2026

Local: Mitre Galeria São Paulo — R. da Consolação, 2761, Jardins, São Paulo SP, 01416-001

Horários: Terça a sexta-feira, das 10h às 19h | Sábados, das 11h às 17h

A Mitre Galeria, em São Paulo, inaugura no dia 30 de maio de 2026 a exposição *Prenúncio de Alento*, individual de Wallace Pato, com texto curatorial de Keyna Eleison. Reunindo um conjunto inédito de pinturas, a mostra apresenta paisagens construídas por recortes, onde tempos e estados distintos se encontram em uma mesma superfície. Entre a memória e a

invenção, as obras tensionam o que é visto e o que é projetado, abrindo espaço para uma experiência que atravessa o cotidiano e o imaginado.

O título ecoa o verso de Paulo César Pinheiro, cantado por Paulinho da Viola — "*o alento de tudo é canção*". Nas telas, cenas de convivência, figuras solitárias e atmosferas suspensas delineiam um território em constante deslocamento. A prática de Wallace Pato se aproxima da crônica e da fabulação, articulando elementos da vida popular brasileira, da musicalidade e da experiência suburbana em composições que expandem o campo da pintura para além da representação.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

Em *Prenúncio de Alento*, Wallace Pato constrói paisagens que se organizam por recortes, reunindo em uma mesma superfície cenas que parecem pertencer a tempos e estados distintos. Há nelas algo de utópico e onírico, mas também a nitidez de uma vigília atravessada por invenção, como se cada imagem se formasse no limite entre o que se vê e o que se projeta.

Como escreve Manoel de Barros, "tudo que não invento é falso", e é nesse deslocamento que as pinturas encontram sua força, afirmando a fabulação como modo de construção. As telas operam por justaposição e descontinuidade, abrindo frestas onde a imaginação se insinua.

Por vezes, figuras se agrupam, sugerindo formas de convivência; em outras, um personagem solitário ocupa o campo, suspendendo qualquer narrativa estável. Entre aproximações e rupturas, essas pinturas delineiam um território em permanente reinvenção.

TEXTO CURATORIAL por Keyna Eleison

Prosa e poesia para o pintor...

*E um poeta que acaba vadio, aí, é destino
A vida da gente é mistério
A estrada do tempo é segredo
O sonho perdido é espelho
O alento de tudo é canção
O fio do enredo é mentira
A história do mundo é brinquedo
O verso do samba é conselho
E tudo o que eu disse é ilusão*

Alento, música de Paulo César Pinheiro cantada por Paulinho da Viola

Wallace Pato é, antes de tudo, um pintor no sentido mais profundo da palavra. Sua pintura se organiza como imagem e como campo de imaginação sensível; lugar onde memória, desejo e intuição se encontram para produzir outras

possibilidades de existência. Em suas telas, a figuração estabiliza e expande o mundo. Cada cor, cada corpo, cada atmosfera parece nascer de uma tentativa de tornar visível algo que ainda não possui forma completa na realidade: uma ideia de bem-estar construída coletivamente ao longo do tempo, herdada em gestos, músicas, encontros, afetos e modos de sobreviver.

Existe em sua prática uma aliança ancestral que compreende o viver não apenas como resistência, mas como elaboração contínua de prazer, beleza e dignidade. Wallace pinta como quem busca reorganizar espiritualmente o espaço ao redor. Suas pinturas funcionam como ensaios emocionais de um mundo possível. Ao olhar suas telas, pode-se entender tanto o que o mundo é quanto o que ele poderia vir a ser.

Alcançar uma felicidade plena ou definitiva? — talvez ele mesmo saiba que ela nunca se oferece inteira —, mas de construir imagens capazes de aproximar os corpos daquilo que desejam sentir.

É justamente nesse movimento que seu trabalho atravessa fronteiras entre espaço-tempo, entre o concreto e o transcendental. Cenas, profundamente mundanas — a presença humana, a rua, a música, a intimidade — mas tudo parece também suspenso por uma dimensão espiritual que ainda não tem nome. Continuidades invisíveis pintadas... Em suas imagens, a ancestralidade se entende como tecnologia de permanência, como força que atravessa o tempo para projetar futuros emocionais ainda inacabados. Sua pintura transforma o cotidiano em portal, fazendo do ato de imaginar uma forma radical de permanecer vivo.

Há uma longa tradição na história da pintura que compreende a tela como abertura: uma superfície capaz de rasgar os limites imediatos do mundo e oferecer outras maneiras de perceber a existência. Em Wallace Pato, essa tradição reaparece deslocada pela experiência suburbana, pela musicalidade popular e pela dimensão afetiva da vida coletiva. Suas pinturas operam como janelas, rasgando o sentido clássico de representação fiel de uma paisagem externa. O que elas abrem é um campo de sensibilidade. Ao olhar suas telas, se entra em uma imagem, em uma frequência emocional, em uma atmosfera onde imaginar deixa de ser abstração e passa a ser experiência concreta do olhar.

Existe algo contemplativo em sua pintura que mesmo que possa se impor uma distância, aproxima. As telas expandem quem as observa porque parecem permitir que cada pessoa reconheça desejos, memórias e estados de espírito que muitas vezes esqueceram, ou fizeram esquecer no cotidiano. Suas imagens se alinham com significados; respiram junto ao

público. O que antes poderia existir como sonho, intuição ou delírio ganha matéria, cor e presença. E, ao ganhar presença, mobiliza quem contempla. Wallace pinta como um dispositivo de ampliação da vida: uma tecnologia poética capaz de fazer ver.

E aqui, matéria do alento... Repouso? Paz? Promessa de cura que organiza o mundo novamente?

Há algo profundamente radical na maneira como Wallace Pato compreende o alento. Em sua prática, aparece quase como um estado de vertigem: um delírio necessário para continuar vivo. Uma invenção cotidiana produzida por comunidades e acordos que operam a transformar precariedade em ritmo, cansaço em festa e vivência em conhecimento.

Sua pintura nasce dessa inteligência que conhece a dureza da vida com a contrução sutil e explosiva da alegria. Uma alegria - às vezes improvisada - como compor depois do fim do dia, como quem escreve poesia na mesa da banalidade, como quem dança sabendo do peso dos dias. Há música em suas telas porque há pulsação. Há poesia porque suas imagens parecem sempre carregar algo que escapa à descrição direta: uma atmosfera, um refrão, uma lembrança quente demais para ser organizada apenas pela razão.

Wallace Pato pinta o viver e o estar vivo como quem insiste na delicadeza. Nada surge para ilustrar o cotidiano, mas para expandi-lo emocionalmente. Existe uma recusa em aceitar que a vida seja reduzida à violência ou à falta. O que sua obra oferece é outra gramática: a do encontro, do desejo, da sensualidade da presença, da beleza que nasce entre amigos, músicas, amores, ruas, bebidas, quintais e excessos que fazem a vida.

O delírio do alento talvez esteja justamente aí: acreditar que é possível produzir calor em um mundo que continuamente esfria os corpos.

E, então, percebemos que hoje somos. Passado, presente e futuro.

Finalmente
a libélula pode deixar de ser palavra
e pousar.

Keyna Eleison
2026

Keyna Eleison

Curadora, escritora, pesquisadora, herdeira Griot e xamã, narradora, cantora e cronista ancestral, Keyna Eleison vive e

trabalha no Rio de Janeiro. Foi co-curadora da 36ª Bienal de São Paulo (2025) e Diretora de Pesquisa e Conteúdo da Bienal das Amazônias. De 2020 a 2023, foi diretora artística do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Eleison foi curadora da 1ª Bienal das Amazônias (2023) e da 10ª Bienal Internacional SIART, na Bolívia (2018). Co-fundou o coletivo Nacional Trovoa, dedicado à produção artística de mulheres negras e não-brancas, e integrou a equipe de curadoria da Liverpool Biennial 2020/2021, ao lado de Manuela Moscoso. Graduada em Filosofia pela UFRJ, com especialização em História da Arte e Arquitetura e mestrado em História da Arte pela PUC-Rio, foi membro da Comissão de Patrimônio Africano para a candidatura do Cais do Valongo ao título de Patrimônio Mundial da Humanidade (UNESCO). Coordenou instituições públicas da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro e lecionou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde também atuou como coordenadora pedagógica.

SOBRE O ARTISTA

Wallace Pato (Rio de Janeiro, 1994) é um artista cuja obra se dedica a reconfigurar fragmentos essenciais — e nem sempre visíveis — da cultura brasileira, especialmente a partir das vivências e manifestações populares do subúrbio carioca e dos sertões brasileiros. Em suas pinturas, ganham forma as expressões, ritmos e símbolos que atravessam a memória coletiva de um país plural.

As cenas de rua, as brincadeiras infantis, as festividades, as mesas de bares, as rodas de samba e os rituais afro-brasileiros são abordados como eventos pulsantes de celebração, resistência e pertencimento. Nesse sentido, sua prática assemelha-se à do cronista, criando imagens — marcadas pela vibração cromática e pelo gesto pictórico — que evocam episódios históricos e recortes da vida cotidiana, amalgamando personagens icônicos, corpos antônimos, cenas corriqueiras e figuras gravadas na memória afetiva do artista.

No entrelaçamento entre gestualidade e narrativa, suas pinturas atmosféricas revelam um repertório que honra a espontaneidade, a espiritualidade e a potência inventiva de "seu povo".

Exposições individuais selecionadas: "Dignidade como Utopia" (2023, Mitre Galeria, Belo Horizonte); "À bença meus padrinhos" (2021, Mendes Wood DM, São Paulo); "Caminhei sobre a mãe, senti o abraço" (2020, Sesc Paraty, Rio de Janeiro); "Erguei-me" (2020, Galeria Escafandro, Rio de Janeiro).

Exposições coletivas selecionadas: "Chegança" (2025, Museu Vassouras, Vassouras); "Terra" (2025, Claraboia, São Paulo); "Auê de parede" (2025, Paço das Artes, São Paulo); "Ritos de Água, Fios de Fé" (2025, Mitre Galeria, São Paulo); "Dos Brasis: Arte e pensamento negro" (2023–2024, SESC Belenzinho, São Paulo, e SESC Quitandinha, Niterói); "Histórias Brasileiras" (2022, MASP, São Paulo); "Composição Carioca" (2022, Centro Cultural do Convento do Carmo, Rio de Janeiro); "Male Nudes: a salon from 1800 to 2021" (2021, Mendes Wood DM, São Paulo); "Crônicas Cariocas" (2021, MAR, Rio de Janeiro); "Casa Carioca" (2020, MAR, Rio de Janeiro).

Obras em coleções públicas: Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro; MASP, São Paulo; Dallas Museum of Art, Dallas (EUA) — obra adquirida pelo Northern Trust Purchase Prize na Expo Chicago 2025; Instituto Inhotim, Brumadinho.

Mitre Galeria — R. da Consolação, 2761, Jardins, São Paulo SP, 01416-001
Terça a sexta-feira, das 10h às 19h | Sábados, das 11h às 17h